3 / RESISTIR



REGISTO FOTOGRÁFICO DE UM GRUPO DE ALUNOS CONCENTRADOS NO LICEU PEDRO NUNES, OBSERVANDO E CONTESTANDO O ARRANQUE DO CARTAZ EM 19-4-72. ARQUIVO PESSOAL DE JOÃO FARIA; FOTOGRAFIA DE CARLOS RIPADO

A DITADURA PERDE A GERAÇÃO MAIS NOVA

Depois das prisões dos 151 estudantes muita coisa muda. A resistência alarga-se e intensifica-se, vem para a rua e politiza-se, abraça com novo vigor a luta anticolonial, recolhe a simpatia ativa dos estudantes nas escolas, dirige-se à população em comunicados, recebendo desta apoio crescente.

Tudo começara em 1970 com a denúncia dos meios de controlo social e ideológico da ditadura: o efeito seletivo do ensino acrítico e livresco, as desigualdades de oportunidades de acesso, o ambiente carcerário e militarista, o caráter ideológico dos conteúdos, a coeducação residual, a

folha03.indd 1 13/05/2024 20:50

proibição da liberdade de informação e reunião e a obrigatoriedade do ensino religioso.
Os mais ativos são uma minoria, mas são agora uma minoria maior. Os meios de resistência acompanham a nova realidade. Até 1972 usavam-se as greves de silêncio ou barulho nas turmas, a desobediência às proibições absurdas e as manifestações nos corredores; a partir de 1973, afixam-se cartazes, convocam-se reuniões gerais, marcam-se greves parciais, boicotam--se as aulas, fazem-se concentrações de protesto contra os processos disciplinares e manifestações nas ruas. O cabelo rapado, ato falhado de humilhação, transformou-se nas semanas seguintes num símbolo de resistência que, ao receber o carinho da população, encorajou as famílias a seguirem a vontade de os seus filhos não pagarem as multas. Apesar da censura, que impedia a circulação da informação, muitos pais, alguns professores e uma parte da sociedade perceberam que a ditadura perdera a geração dos escolarizados mais novos.

ORGANIZAR

Organizar é conhecer bem o fundo do quadro precedente e dar-lhe forma; é criar uma possibilidade de futuro incerto mas melhor, num presente conhecido que se detesta. Se queres resistir age, mas se queres persistir organiza – era o lema destes jovens. Os adolescentes que participaram no movimento estudantil no início da década de 1970 queriam fazer a sua própria história, mas perceberam cedo que herdaram as condições em que o fariam. As circunstâncias pretéritas de mais de 40 anos de ditadura foram o fundo onde desenhariam o futuro, na forma de organizações.
As formas escolhidas atingiram, no período 1970-1974, um elevado grau de complexidade, resultado da coexistência de diferentes tipos de organizações com divergências entre si, do crescimento significativo do número de colaboradores do movimento associativo e de militantes das organizações políticas semilegais e clandestinas, da necessária articulação destes múltiplos centros de decisão e, sobrepondo-se a tudo, da vigilância e perseguição crescentes do aparelho repressivo da ditadura. Foram estas condições que estabeleceram o contexto e a forma de responderem a três perguntas. Como organizar e tomar decisões? Para que servem as organizações? A quem se dirigem e quantos querem mobilizar?

COMO?

O principal dilema era o de saber como criar organizações democráticas num contexto institucional e estatal não democrático.
A resposta foi construída ao longo de quatro anos por meio da formação de três tipos de organizações, umas dentro das outras, como as bonecas-russas, que agiam entre a quase legalidade e a mais rigorosa clandestinidade, entre a ampla

folha03.indd 2 13/05/2024 20:50

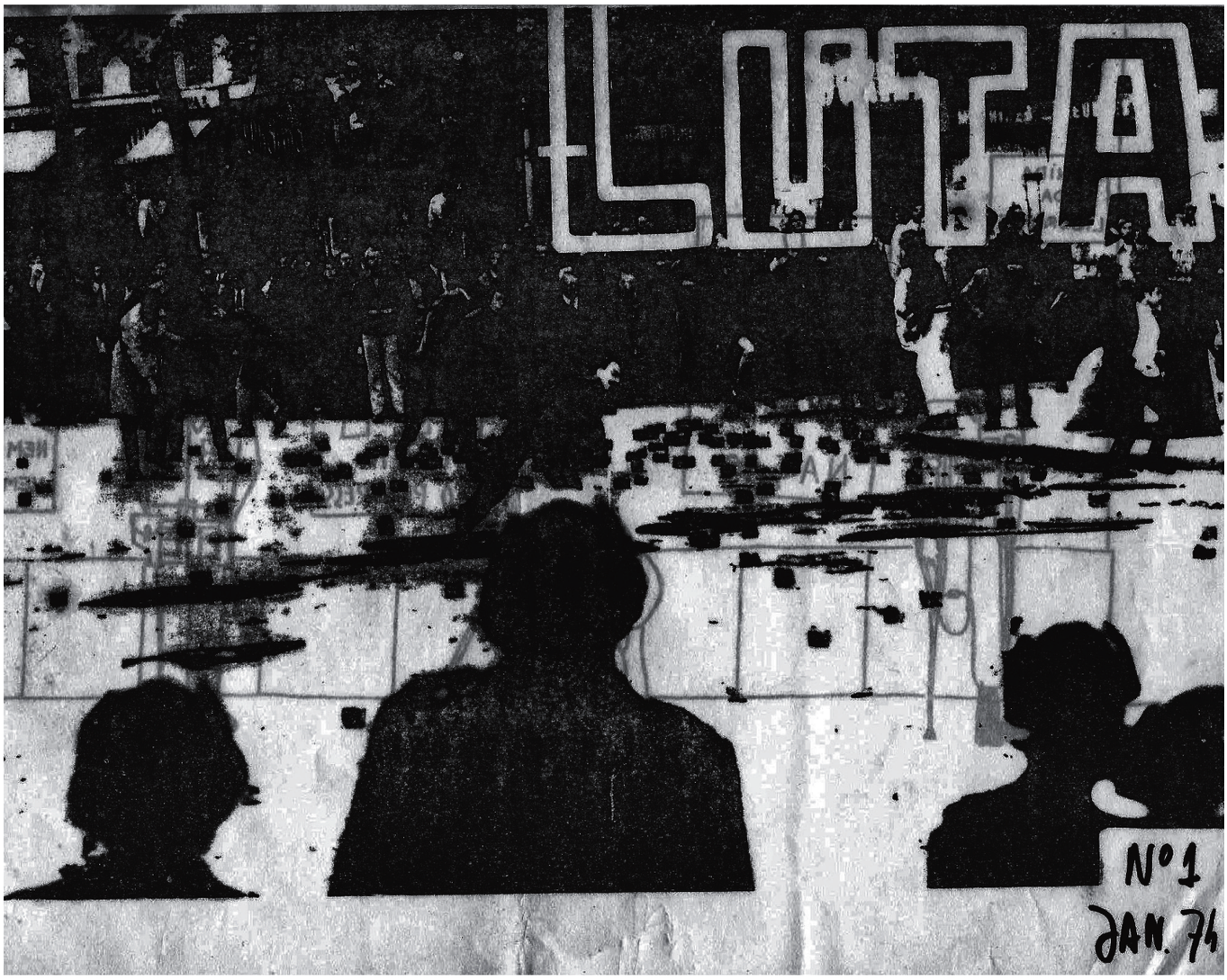
AS RAÍZES DO MAEESL

O MAEESL foi fundado em 1967 depois de a Comissão Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Liceal de Lisboa, mais conhecida por CPA dos Liceus, se ter desagregado progressivamente. Constituída no rescaldo das eleições presidenciais de Humberto Delgado, a CPA-L viria a reduzir a sua atividade e a confrontar-se com a existência de outras iniciativas estudantis. O MAEESL surgiu como forma de agrupar um conjunto de estruturas e de iniciativas, ligando-as num primeiro momento à organização dos clubes e das comissões de finalistas que tinham um historial de conflitualidade com as autoridades escolares. No final da década de 1960, coincidindo com a transição dos fundadores para a universidade, também o MAEESL passou por uma situação difícil que viria a ser superada a partir de 1970.

RGA E CONCENTRAÇÃO DE ALUNOS CONTRA A PRESENÇA DA POLÍCIA NO LICEU DE OEIRAS. FONTE: ARQUIVO PESSOAL DE RUI CAPÃO

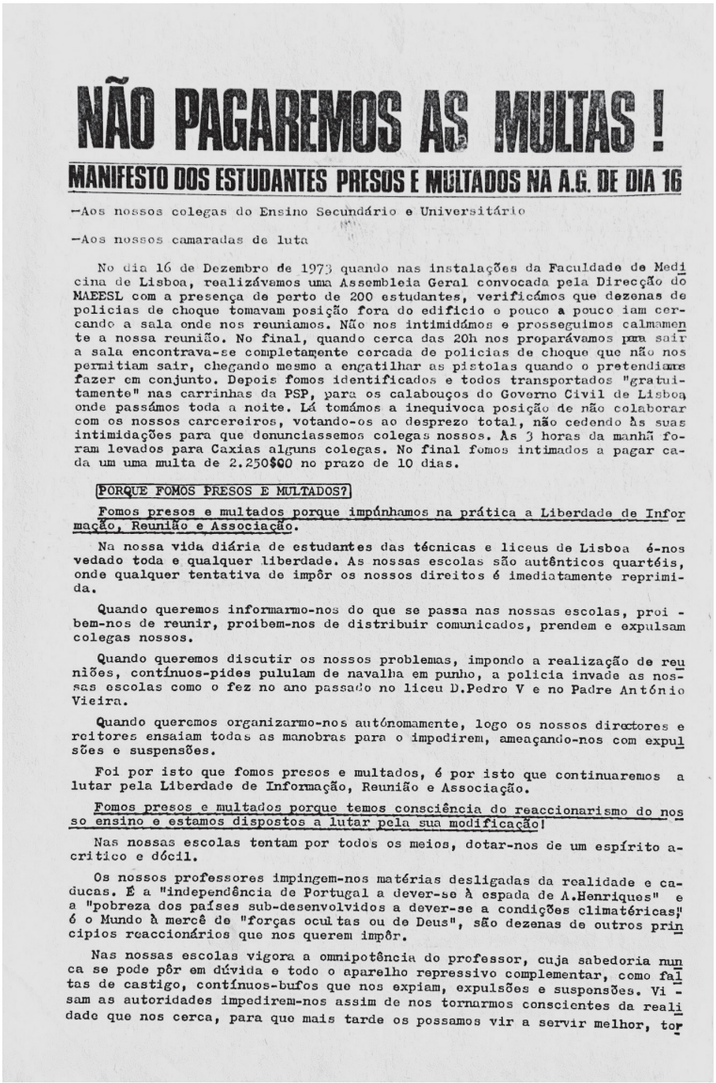


folha03.indd 3 13/05/2024 20:50



democraticidade e a democracia limitada:
— o movimento associativo (MAEESL) conduziu uma intervenção legal, dirigida a milhares de estudantes com convicções ideológicas muito diversas, em tudo semelhante ao que as associações de estudantes universitários realizavam;
— as organizações políticas semilegais, a CEDL (Comissão dos Estudantes Democratas de Lisboa), associada à CDE, os CP-UEP (Comités Pró-União dos Estudantes Portugueses), da iniciativa da UEC-ML, e os «grupos de estudantes», de filiação trotskista, usaram as margens de legalidade que a correlação de forças permitia em cada conjuntura para fazerem intervenção política e ideológica dirigida a um grupo mais politizado de algumas centenas de estudantes;
— as organizações políticas clandestinas, UEC-ML (União dos

folha03.indd 4 13/05/2024 20:50



NÃO PAGAREMOS AS MULTAS !

MANIFESTO DOS ESTUDANTES PRESOS E MULTADOS NA A.G. DE DIA 16

—Aos nossos colegas do Ensino Secundário e Universitário

—Aos nossos camaradas de luta

No dia 16 de Dezembro de 1973 quando nas instalações da Faculdade de Medicina de Lisboa, realizávamos uma Assembleia Geral convocada pela Direcção do MAEESL com a presença de perto de 200 estudantes, verificámos que dezenas de policias de choque tomavam posição fora do edificio e pouco a pouco iam cercando a sala onde nos reuniamos. Não nos intimidámos e prosseguimos calmamente a nossa reunião. No final, quando cerca das 20h nos preparávamos para sair a sala encontrava-se completamente cercada de policias de choque que não nos permitiam sair, chegando mesmo a engatilhar as pistolas quando o pretendiamos fazer em conjunto. Depois fomos identificados e todos transportados "gratuitamente" nas carrinhas da PSP, para os calabouços do Governo Civil de Lisboa onde passámos toda a noite. Lá tomámos a inequivoca posição de não colaborar com os nossos carcereiros, votando-os ao desprezo total, não cedendo às suas intimidações para que denunciassemos colegas nossos. As 3 horas da manhã foram levados para Caxias alguns colegas. No final fomos intimados a pagar cada um uma multa de 2.250$00 no prazo de 10 dias.

PORQUE FOMOS PRESOS E MULTADOS?

Fomos presos e multados porque impúnhamos na prática a Liberdade de Informação, Reunião e Associação.

Na nossa vida diária de estudantes das técnicas e liceus de Lisboa é-nos vedado toda e qualquer liberdade. As nossas escolas são autênticos quartéis, onde qualquer tentativa de impôr os nossos direitos é imediatamente reprimida.

Quando queremos informarmo-nos do que se passa nas nossas escolas, proi - bem-nos de reunir, proibem-nos de distribuir comunicados, prendem e expulsam colegas nossos.

Quando queremos discutir os nossos problemas, impondo a realização de reuniões, contínuos-pides pululam de navalha em punho, a policia invade as nossas escolas como o fez no ano passado no liceu D.Pedro V e no Padre António Vieira.

Quando queremos organizarmo-nos autónomamente, logo os nossos directores e reitores ensaiam todas as manobras para o impedirem, ameaçando-nos com expulsões e suspensões.

Foi por isto que fomos presos e multados, é por isto que continuaremos a lutar pela Liberdade de Informação, Reunião e Associação.

Fomos presos e multados porque temos consciência do reaccionarismo do nosso ensino e estamos dispostos a lutar pela sua modificação!

Nas nossas escolas tentam por todos os meios, dotar-nos de um espírito acritico e dócil.

Os nossos professores impingem-nos matérias desligadas da realidade e caducas. É a "independência de Portugal a dever-se à espada de A.Henriques" e a "pobreza dos países sub-desenvolvidos a dever-se a condições climatéricas" é o Mundo à mercê de "forças ocultas ou de Deus", são dezenas de outros princípios reaccionários que nos querem impôr.

Nas nossas escolas vigora a omnipotência do professor, cuja sabedoria nunca se pode pôr em dúvida e todo o aparelho repressivo complementar, como faltas de castigo, contínuos-bufos que nos expiam, expulsões e suspensões. Visam as autoridades impedirem-nos assim de nos tornarmos conscientes da realidade que nos cerca, para que mais tarde os possamos vir a servir melhor, tor

A PARTIR DE 1973 A RESISTÊNCIA ALARGA-SE E INTENSIFICA-SE, RECEBENDO APOIO CRESCENTE DOS ESTUDANTES E DA POPULAÇÃO.

FONTE: PT-AHS-ICS-ACP CAIXA 4 MAEESL

Estudantes Comunistas Marxista--Leninista), CLAC (Comités de Luta Anti-Coloniais e Anti-Imperialistas), Liga Comunista Internacionalista (Toupeira Vermelha) e Grupo Marxista Revolucionário tomaram o partido da luta anticolonial e da transformação mais ou menos radical da sociedade, seguindo regras conspirativas, mantendo encontros clandestinos com poucos militantes, promovendo círculos de estudo, compartimentando os organismos, distribuindo furtivamente a sua imprensa e fazendo ações de agitprop como pichagens nas escolas e pequenos comícios relâmpago. Tinham como audiência privilegiada um grupo restrito de três centenas de estudantes mais ativos.

O MAEESL funcionava como organização democrática, sem ideologia, apartidária e não religiosa, que previa a eleição anual de uma direção única – numa primeira fase apenas pelos colaboradores e a partir de 1973 por meio de eleições abertas a todos os estudantes –, e a existência de delegações em cada escola, descentralizadas, com a sua própria coordenação eleita localmente.

A UEC-ML e as organizações da sua órbita – CLAC e CP-UEP –, de filiação marxista-leninista, bem como a UEC, criada pelo PCP, organizavam-se em células compartimentadas segundo o princípio leninista do centralismo democrático, combinando a discussão livre com a disciplina política e uma direção executiva centralizada.

A Liga Comunista Internacionalista, trotskista, tinha uma célula liceal em Lisboa e os seus militantes coordenavam «pré-células» que integravam os ativistas de cada liceu em que havia intervenção. Seguiam também o centralismo democrático, embora permitissem a existência de tendências internas.

folha03.indd 5 13/05/2024 20:50

PARA QUÊ?

No movimento associativo o debate entre as três correntes presentes no ensino secundário decorria em reuniões de colaboradores, na imprensa estudantil legal e durante os períodos eleitorais. As contradições internas implicavam um exercício de democracia de grande intensidade e frontalidade. A polémica era o húmus da democracia.

Pelo contrário, devido à proibição dos partidos e organizações políticas, o debate entre as organizações semilegais e clandestinas era bastante menos frequente e intenso, sendo feito exclusivamente por meio da imprensa clandestina.

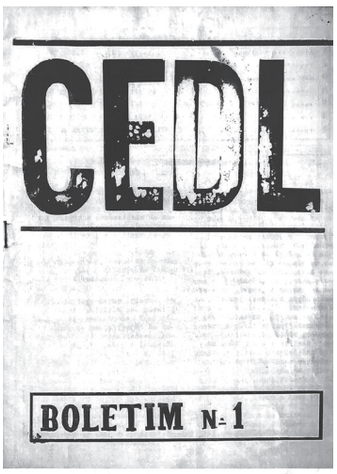
As diversas tendências do movimento estudantil do ensino secundário de Lisboa, embora divergindo no modo de atingir os objetivos e nos métodos a utilizar, convergiam na luta por uma educação em que as classes populares tivessem acesso ao mesmo tipo de ensino, criticando, por conseguinte, a desigualdade de oportunidades e a escolha precoce da fileira de ensino com origem na seleção realizada no final da escola primária. Mas como em todo o movimento estudantil daquele período, o princípio da unidade não abolia as divergências.

A tendência maioritária do movimento associativo colocava em primeiro plano a luta «por um ensino popular» – por isso designada «pop» – em que os conteúdos burgueses dos programas fosse substituído por um verdadeiro ensino ao serviço do povo. Daqui resultava a luta por um ensino unificado que pusesse fim às três fileiras de ensino separadas e para grupos sociais distintos (liceus, escolas industriais e escolas comerciais). Atenta aos problemas pedagógicos e à microfísica do poder, optava por começar a partir de baixo, das turmas, dos interesses imediatos dos estudantes, desmontando, passo a passo, o efeito seletivo do ensino acrítico e livresco, as desigualdades de oportunidades de acesso à educação, o ambiente carcerário e militarista da escola, a proibição da liberdade de informação e reunião e a obrigatoriedade do ensino religioso. Esta corrente manteve sempre a direção do MAEESL no período 1970-1974.

A tendência unitária reclamava-se da luta por uma «unidade estudantil» na base, realçando os direitos dos estudantes nas aulas, e fora delas, defendendo os seus interesses imediatos, como camada social. No âmbito da defesa de uma «Reforma geral e democrática do ensino» realçava a iniquidade classista da separação entre as escolas técnicas, que formavam operários especializados, e os liceus, que formariam os futuros licenciados e quadros superiores. Fazia ainda apelo à necessidade da federação dos estudantes das várias escolas e dos vários níveis de ensino, apontando o caminho para a criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP).

Uma terceira tendência, autodenominada «Grupos de

folha03.indd 6 13/05/2024 20:50


CEDL

BOLETIM Nº 1


SERVIR O POVO

ÓRGÃO DA UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS (MARXISTA - LENINISTA)

AS LUTAS ESTUDANTIS DESMASCARAM O CONLUIO REVISIONISTA - FASCISTA

A VIA DE OUTUBRO

BRASIL - O POVO EM ARMAS

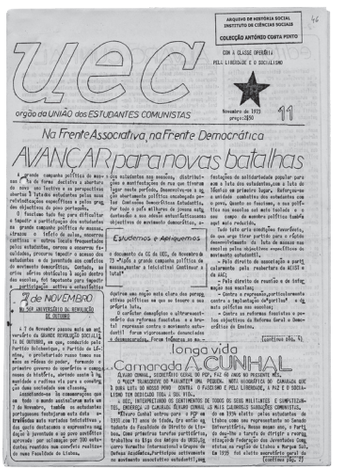

LUTA ESTUDANTIL

Nº 1 MAIO DE 1973

ÓRGÃO DOS COMITÉS PRÓ-UNIÃO DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

FORJEMOS A UNIÃO DOS ESTUDANTES PORTUGUESES SOB A BANDEIRA DA REVOLUÇÃO POPULAR!

AS LUTAS DOS ESTUDANTES DESENVOLVEM-SE NO SENTIDO REVOLUCIONÁRIO

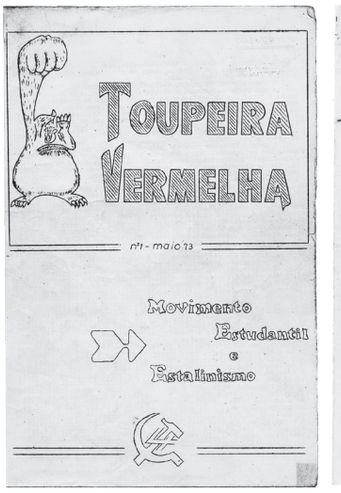

uec

órgão da UNIÃO dos ESTUDANTES COMUNISTAS

Na Frente Associativa, na Frente Democrática

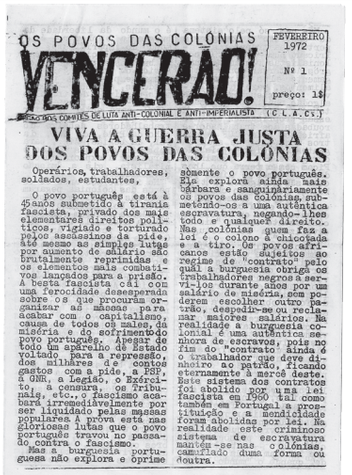
AVANÇAR para novas batalhas

Viva a Camarada ÁLVARO CUNHAL


TOUPEIRA VERMELHA

nº1 - maio 73

Movimento Estudantil e Estalinismo


OS POVOS DAS COLÓNIAS VENCERÃO!

FEVEREIRO 1972

Nº 1

preço: 1$

COMITÉS DE LUTA ANTI-COLONIAL E ANTI-IMPERIALISTA (C.L.A.C.I.)

VIVA A GUERRA JUSTA DOS POVOS DAS COLÓNIAS

IMPRENSA ESTUDANTIL DAS ORGANIZAÇÕES SEMILEGAIS E CLANDESTINAS COM INTERVENÇÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO DE LISBOA

FONTE: PT-AHS-ICS-ACP CAIXA 4 MAEESL

estudantes», maioritariamente avessa ao associativismo estudantil, reunindo estudantes com simpatias ou ligações orgânicas a dois diferentes grupos trotskistas e um pequeno grupo com filiação no catolicismo progressista, considerava que os estudantes não constituíam uma classe social e, por conseguinte, não tinham interesses próprios que pudessem ser representados por meio do sindicalismo estudantil. Adeptos de uma intervenção política mais direta, denunciavam o ensino de classe ao serviço da burguesia e do capitalismo e consideravam impossível, «de um modo permanente, mobilizar unitariamente os estudantes». Concluíam que só a crítica de classe à escola capitalista, que se fundamentasse numa crítica à própria sociedade capitalista, permitiria ao movimento estudantil tomar posições ao lado das classes trabalhadoras. Não participavam nas reuniões das delegações do MAEESL, mas estavam quase sempre presentes nas reuniões gerais de colaboradores e nas assembleias gerais.

QUANTOS?

O conjunto das delegações do MAEESL teria em 1972 cerca de 130 colaboradores ativos, incluindo as duas tendências associativas («pop» e «unitária»), a que se juntavam cerca de 50 ativistas dos chamados grupos de estudantes que não se identificavam com o trabalho associativo, num total de 180 jovens. No final de 1973 estes

folha03.indd 7 13/05/2024 20:50



SE QUERES RESISTIR AGE, MAS SE QUERES PERSISTIR ORGANIZA

CONVÍVIO DO LICEU D. JOÃO DE CASTRO COM ALGUNS COLABORADORES DO MAEESL NA PRIMAVERA DE 1973
FOTOGRAFIA DO ARQUIVO PESSOAL DE ANTÓNIO SALGUEIRO

números subiriam para cerca de 250 colaboradores.
Os resultados das primeiras eleições abertas para a direção do MAEESL, em março/abril de 1973, envolvendo a participação de 538 votantes, a maioria dos quais colaboradores intermitentes, e a disputa entre duas listas, dão uma ideia aproximada da influência e simpatia obtida pelas correntes associativas do movimento estudantil. A lista A, «Técnicas e liceus unidos», da tendência «pop», obteve 361 votos e a lista B, «Por uma unidade estudantil», obteve 173 votos. Os chamados «grupos de estudantes» não apresentaram lista e decidiram na sua maioria não participar na votação. Entre a tendência maioritária contavam-se cerca de 35 militantes da UEC-ML e das organizações que estavam na sua órbita: CLAC, que também atuava clandestinamente, e dos CP-UEP, organização semilegal. A UEC-ML, que editava o jornal *Servir o Povo*, foi fundada na segunda metade de 1969 por iniciativa do CMLP (Comité Marxista-Leninista Português); os CLAC, que editavam o jornal *Os Povos das Colónias Vencerão*, foram constituídos no início de 1972 e os CP-UEP, que editavam o jornal *Luta Estudantil*, surgiram em outubro de 1972.
Entre a tendência unitária contavam-se cerca de 15 militantes da UEC, constituída por iniciativa do PCP, em janeiro de 1972, que editava o jornal *UEC*. Este número alargou-se a uma orla de simpatizantes com o surgimento da CEDL, organização semilegal que editou pontualmente o *Boletim CEDL*.
O «Grupo de estudantes» do Liceu Padre António Vieira, com presença também em outros liceus, incluía cerca de 30 militantes e simpatizantes da organização estudantil que editou um número da publicação *Toupeira Vermelha* em maio de 1973, e da LCI, formada em dezembro de 1973, alinhados com a ala da IV Internacional dirigida por Ernest Mandel.
Os «Grupos de estudantes» dos liceus da Amadora, D. João de Castro e D. Pedro V incluíam cerca de 20 militantes e simpatizantes associados aos GA/GMR, constituídos em 1973, sem publicação conhecida, alinhados com a ala do trotskismo internacional morenista (ref. ao argentino Nahuel Moreno).

folha03.indd 8 13/05/2024 20:50